

Os sentidos do envelhecimento nas trajetórias de vida de mulheres transexuais e travestis em uma cidade do interior de São Paulo

Thara Wells¹
Kelen Christina Leite²
Viviane Melo de Mendonça³

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o sentido do envelhecimento nas narrativas de histórias de vida de mulheres transexuais e travestis na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. Especificamente, buscou-se apreender como essas mulheres constituem uma imagem de si na sociedade diante do processo de envelhecer, identificando e compreendendo, em suas narrativas, as sistemáticas estratégias de superação das condições de violência e de exclusão social e institucional a que são submetidas. A pesquisa fez uso da História Oral como perspectiva teórico-metodológica por possibilitar focar em memórias e vivências de mulheres transexuais e travestis. Foram entrevistadas quatro mulheres transexuais e travestis acima de 35 anos de idade, que vivem na cidade de Sorocaba-SP. Conclui-se que são muitas as adversidades enfrentadas por essas mulheres, mas também se ressalta a importância de políticas públicas e medidas que assegurem o pleno exercício de seus direitos ao longo de suas vidas.

Palavras-chave: envelhecimento; travestis; mulheres transexuais; trajetórias de vida.

¹ Bacharel em Serviço Social e Mestranda em Estudos da Condição Humana pela UFSCar. Email thara.wells@estudante.ufscar.br. Co-fundadora e Ex-Presidenta da Associação de Transgênero de Sorocaba- ATS; Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Sorocaba (2018-2022). Atualmente Conselheira Tutelar do município de Sorocaba.

² Bacharel, Mestre e Doutora em Ciências Sociais. Docente do DCHE-UFSCar e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana | PPGECH-UFSCar. E-mail: kelen@ufscar.br

³ Bacharel e Mestre em Psicologia, Doutora em Educação. Docente do DCHE-UFSCar e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana | PPGECH-UFSCar. E-mail: viviane@ufscar.br

Introdução

O interesse em pesquisas sobre as trajetórias de vida de travestis e mulheres transexuais brasileiras pode ser identificado, principalmente, a partir da década de 1990. Ainda que, conforme afirmam Marília dos Santos Amaral; Talita Caetano Silva; Karla de Oliveira Cruz e Maria Juracy Filgueiras Toneli (2014) a visibilidade da temática tenha se dado com maior ênfase nos anos 2000, quando os estudos de gênero e sexualidade passaram a ter maior relevância e passaram a ser realizados em maior número.

Os estudos e as pesquisas sobre o processo de envelhecimento de pessoas trans e travestis, especificamente, é um pouco mais recente. A pesquisa de mestrado de Mônica Soares Siqueira (2004) caracteriza-se como uma das primeiras a abordar tal temática com o título: *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. O estudo buscava, por meio de uma pesquisa etnográfica, na cidade do Rio de Janeiro, compreender os significados do processo de envelhecer para cinco travestis entre 59 e 79 anos. Concluindo que, ao mesmo tempo que enquadram o momento de vida até certo ponto de forma positiva, ressaltam também as dificuldades em atingir uma idade avançada.

É fundamental destacar, desde o início, que a concepção de velhice adotada nesta pesquisa difere tanto da definição da Organização Mundial da Saúde (2005), que categoriza como pessoas idosas aqueles com mais de 65 anos em países desenvolvidos e 60 anos em países em desenvolvimento, quanto da definição do Estatuto do Idoso no Brasil, que estabelece a idade de 60 anos como o marco da velhice. Esta pesquisa, porém, aborda a velhice a partir da percepção apresentada por pessoas trans e travestis, também refletida em outras pesquisas, que situam essa fase da vida em torno dos 35/40 anos. É com essa concepção de velhice, construída socialmente e analisada a partir de múltiplos marcadores da diferença – gênero, raça, classe, sexualidade - que o presente

trabalho se constitui e presente abordar a vivência e a passagem do tempo para mulheres trans e travestis a partir de seus próprios olhares.

Desse modo, o objetivo da pesquisa foi analisar os sentidos do envelhecimento nas narrativas de histórias de vida de mulheres transexuais e travestis com mais de 35 anos na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, distinguindo-se assim da maior parte dos estudos já realizados que se dedicaram a essa realidade em capitais. Especificamente, buscou-se apreender como essas mulheres constituem uma imagem de si na sociedade diante do processo de envelhecer, identificando e compreendendo, em suas narrativas, as estratégias de superação das condições de violência e de exclusão social e institucional a que são submetidas nesse processo.

Assim, para olharmos para a história dessas mulheres travestis e transexuais, tendo como foco de análise o processo de envelhecimento, o artigo se organiza do seguinte modo: primeiramente, são apresentados breves apontamentos sobre o percurso metodológico com a descrição dos procedimentos de acesso às narrativas e memórias de quatro mulheres travestis e transexuais; em seguida, é realizada uma discussão sobre alguns estudos que abordam o envelhecer de travestis e transexuais e, por fim, a compreensão do processo do envelhecer de travestis e transexuais a partir da análise das entrevistas.

Há que se ressaltar, ainda, que a pesquisa que origina este artigo foi motivada pela urgência acadêmica de abordar a temática do envelhecimento de pessoas travestis e transexuais e, ao mesmo tempo, revesti-la de uma dimensão social e política, em consonância com as inquietações produzidas pela experiência de uma das autoras deste trabalho, que é uma travesti com mais de 50 anos.

Breves apontamentos sobre o percurso metodológico

A presente pesquisa se inseriu em uma perspectiva qualitativa tendo a História Oral de vida como abordagem metodológica. A História Oral pretende elaborar registros,

documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Trata-se, portanto, de acordo com José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. S. Ribeiro (2011, p. 82-83), de uma “[...] narração com começo, meio e fim [...]. A experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial.”

A História Oral permite, portanto, acessar e analisar as narrativas das experiências de vida de mulheres travestis e transexuais versando sobre aspectos continuados de suas experiências. Desse modo, a História Oral é compreendida como a arte da escuta de acontecimentos por meio da memória. Alessandro Portelli (2010, p. 3) discorre que:

[...] com frequência se diz que com a História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia [...] [e] os narradores orais que entrevistamos [...] não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador.

A História Oral torna-se, assim, uma importante forma de ruptura da história oficial, evidenciando as experiências e memórias de pessoas excluídas, marginalizadas, subalternizadas ou de grupos sub-representados, como é o caso de mulheres travestis e transexuais. Assim, a História Oral contribui para abertura de espaços a novas vozes, subalternizadas, mas nunca silenciadas, por meio da reinvenção de formas mais “[...] democráticas, dialógicas e colaborativas de se construir narrativas e de se ouvir atentamente as vozes que exigem serem ouvidas e que desejam se dizer”, explica Marta Rovai (2021, p. 18), expondo as desigualdades sociais, históricas e as discriminações.

A escolha das entrevistadas, colaboradoras deste trabalho, teve como principal requisito a identidade de gênero como mulheres travestis e transexuais. Foram entrevistadas quatro mulheres, três mulheres negras e uma mulher branca com idades entre 35 e 65 anos, moradoras da cidade de Sorocaba-SP. A delimitação etária da pesquisa, entre 35 e 65 anos, se justifica porque essa é a idade a partir da qual as mulheres trans e, especialmente, as travestis identificam como um marco em suas vidas, a partir do qual já se consideram e, mais do que isso, são consideradas em processo de envelhecimento.

Essas mulheres foram convidadas para participarem de uma pesquisa sobre suas histórias de vida. Foi-lhes apresentado e solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a explicação sobre o procedimento das entrevistas até a devolutiva da transcrição para que pudessem verificar e validar o material produzido com uma autorização final de uso. A entrevista foi realizada pessoalmente e gravada em local reservado e confortável para essas mulheres.

As etapas necessárias para o tratamento das entrevistas foram: transcrição e textualização. O processo de transcrição, embora lento e exaustivo, constituiu um momento importante para a elaboração das categorias temáticas que foram extremamente relevantes para construir a análise das entrevistas realizadas. A segunda etapa constituiu-se no processo de textualização, ou seja, perguntas, eventuais comentários, vícios de linguagem foram retirados e fundidos à narrativa.

A primeira entrevistada chama-se Fernanda, mulher travesti, branca, graduanda em licenciatura em Artes Visuais, segundo ela, com pouco acima dos 35 anos. A segunda entrevistada chama-se Deisy, 63 anos, mulher travesti, negra, trabalha como autônoma. A terceira entrevistada chama-se Ana, uma mulher trans negra, 44 anos, trabalha como empregada doméstica, formada em auxiliar de necropsia. E, por último, a quarta entrevistada, chama-se Carla, travesti, negra, com – segundo ela – a idade de 40+. Nascida no interior da Bahia, veio morar em Sorocaba na adolescência, casada

com um homem cis. Seu casamento foi um dos primeiros casamentos trans de Sorocaba. Hoje Carla é graduanda em Pedagogia e ex-profissional do sexo.

Algumas referências de estudos sobre o envelhecer de travestis e transexuais

Os resultados oferecidos por uma revisão crítica da literatura sobre travestilidades entre 2001-2010, realizada por Marília dos Santos Amaral; Talita Caetano Silva; Karla de Oliveira Cruz e Maria Juracy Filgueiras Toneli (2014) ressaltavam a centralidade de trabalhos em temas como: aids, transformação corporal e a prostituição de travestis e, um reduzido número de escritos sobre envelhecimento, adolescência, educação e violências sofridas por travestis.

Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020) ressaltaram, analisando os resultados acima, que os primeiros estudos sobre travestis foram realizados pelos pesquisadores cisgênero que, para elas, “[...] invadiram os não lugares designados àqueles destinados à existência possível dos travestis” (York, Oliveira e Benevides, 2020, p. 5). Inicialmente, essas pesquisadoras e esses pesquisadores buscaram analisar a dinâmica dos corpos de travestis, como elas se organizavam e como viviam em situações concretas de exclusão social.

Os resultados desses estudos possibilitaram, então, cartografar as primeiras categorias da existência do corpo travesti e construíram uma seara onde travestis e transexuais militantes puderam apropriar-se do protagonismo de narrar suas próprias histórias, que tantas vezes foram negadas e silenciadas por uma sociedade que as relegam à condição de “corpos abjetos”, conforme Judith Butler (2015), isto é, corpos que não podem existir e que são desprezados em uma determinada matriz cultural.

Desse modo, as travestis e mulheres transexuais militantes, ao se apropriarem e se tornarem sujeitos de suas próprias histórias e narrativas, assumiram também, nas últimas décadas, a posição de estudantes, educadoras, doutoras e pesquisadoras, produzindo uma perspectiva própria de conhecimento sobre si, sobre suas experiências e

desafios, produzindo seus próprios problemas de pesquisa, e ocupando, por fim, o espaço acadêmico. Por conseguinte, ainda segundo York, Oliveira e Benevides (2020), a ocupação do espaço acadêmico por pesquisadoras travestis e mulheres transexuais tem possibilitado ressignificar e refazer as questões de pesquisa e, conseqüentemente, produzir um conhecimento próprio sobre a experiência de vida de travestis e mulheres transexuais.

O escopo teórico deste trabalho se situa nos estudos de gênero e sexualidade e parte da premissa de que analisar a história de vida de mulheres transexuais e travestis com foco na constituição da imagem de si na sociedade e no processo de se tornarem mulheres mais velhas, bem como as estratégias de sobrevivência que essas mulheres desenvolveram ao longo da vida diante de um contexto de exclusão social, institucional, e familiar, é também compreender a construção de lutas e resistências pela sobrevivência em uma sociedade patriarcal.

Nesse cenário, para compreender a relação entre travestilidade e envelhecimento, Siqueira (2004), em um estudo antropológico sobre travestis e velhice, no qual buscava compreender os significados e implicações do processo de envelhecimento para esses sujeitos, realizou uma pesquisa etnográfica na cidade do Rio de Janeiro com pessoas entre 59 e 79 anos, ressaltando o fato dessas mulheres chamarem atenção para a dificuldade em chegar nessa idade.

No campo da gerontologia, Antunes (2010) produz um estudo a partir de histórias de vida de três pessoas transexuais com o objetivo de levantar demandas e necessidades dessas pessoas no processo de envelhecimento. O autor destaca a questão do contexto de violência e da baixa expectativa de vida de tais pessoas – embora não se tenha dados acerca da expectativa de vida de pessoas trans – que, ao chegarem à velhice, passam a ser vistas e se autointitulam como sobreviventes.

Com objetivo de compreender como travestis lidam com o envelhecimento e a velhice, Francisco Jander de Sousa Nogueira (2013) realizou uma pesquisa com travestis em Fortaleza e Lisboa por meio de narrativas biográficas que focaram,

sobretudo, nos significados e sentidos dados aos seus corpos concluindo que esses corpos permanecem como contestação das normas de gênero e sexualidade ressaltando que, a todo instante, as travestis constroem e reconstroem-se pelas suas experiências.

Com base em uma análise qualitativa, por sua vez, Ilana Mountian (2015) realizou pesquisa com travestis consideradas idosas – com mais de 46 anos – que viviam em diversas cidades do Brasil e trabalhavam como cabeleireiras, cantoras, prostitutas e eram ativistas dos direitos humanos e cidadania. Os resultados da pesquisa demonstraram que as travestis entrevistadas necessitaram constantemente mudar de lugar, cidade ou país devido, sobretudo, às transfobias locais. De modo específico, nesse contexto, conclui também que a transfobia é central quando se analisa a relação das travestis com o envelhecimento. Há um modo muito específico de as travestis se considerarem como idosas (mais de 40 anos de idade) e de experienciarem as mudanças corporais do envelhecimento na relação com as próteses, plásticas e silicones que podem compor o seu corpo.

De acordo com Guita Grin Debert (1999; 2000), Alda Britto Da Motta (1999) e Myriam Moraes Lins de Barros (2006), a velhice é entendida como contingente histórico e cultural em nossas sociedades e deve ser analisada a partir de outros marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, sexualidade e classe para evidenciar a heterogeneidade da vivência da passagem do tempo. Assim, Vanessa Sander e Lorena Hellen de Oliveira (2016) destacam, por meio de pesquisa realizada em Belo Horizonte-MG a partir de uma abordagem interseccional, a combinação de processos históricos, sociais e políticos que produziram, entre as travestis, identificações coletivas e sentimentos de pertencimento geracional. A pesquisa buscou explorar a dimensão pessoal de suas experiências na velhice. Enfatizou-se como ganham forma, entre as interlocutoras, em suas (re)apropriações e recriações do(s) mundo(s), em suas micropolíticas cotidianas e em suas capacidades de resistência, que tornam possível não apenas envelhecer, mas envelhecer feliz, apesar de todos os constrangimentos sociais que enfrentam para sobreviver.

Desse modo, a partir dos resultados das pesquisas citadas acima, ressalta-se a importância da escuta sensível das representações e experiências próprias do envelhecimento que as travestis e mulheres transexuais produzem. Segundo Butler (2015, p. 17), há sujeitos que “[...] não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas”. Analisar, portanto, a realidade experienciada por essas mulheres transexuais e travestis tendo como horizonte as categorias classe, raça/etnia e gênero/identidade de gênero é relevante, uma vez que tais realidades se entrecruzam nessas vivências permitindo, assim, compreender, como diz Berenice Bento (2017, p. 49): “[...] o lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social”. Portanto, ouvir histórias de vida daquelas que experienciam o sentimento do envelhecer nesse contexto, apesar de todos os obstáculos, tais como apontados pelos estudos relatados, torna-se ainda mais fundamental.

Considerando as estatísticas de violências físicas, emocionais e institucionais das quais as pessoas transgênero são vítimas em nosso país, desde a tenra infância, passando pela idade laboral e, em casos excepcionais, alcançando a velhice, é necessário dizer que os enfrentamentos diários pela sobrevivência são somados aos tantos silenciamentos sociais, descobertas solitárias de si e da sua identidade de gênero, além da constatação de uma difícil realidade de abandono, negligenciado pela sociedade patriarcal pautada na cisgeneronormatividade.

Estudos realizados por Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (2022) para a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra) mostram que as mulheres transexuais e as travestis são expulsas do convívio familiar, em média, aos 13 anos de idade, levando-as a viverem cercadas de muitas formas de violências, ficando, assim, aprisionadas socialmente, marginalizadas e excluídas; sem acesso à educação, sem apoio familiar, sem oportunidades de emprego formal, seja pela falta de formação, seja pela transfobia.

Nesse cenário transfóbico e violento, travestis e mulheres trans chegarem à velhice é muito difícil. O processo de envelhecimento e o viver a velhice nem sempre são processos fáceis para as pessoas e pode ser assustador para aquelas que durante a vida toda sofreram e sofrem todas essas violências já mencionadas. Para Pedro Paulo Sammarco Antunes e Elisabeth F. Mercadante (2011, p. 11), “[...] as travestis em processo de envelhecimento sofrem dupla estigmatização: pelo fato de estarem envelhecendo e por estarem vivendo como travestis.”

Subalternizados e vulnerabilizados por uma estrutura social excludente, aos corpos das mulheres transexuais e travestis, muitas vezes, resta apenas o recurso à prostituição como uma das poucas possibilidades de sustento. Expulsas de seus lares e desassistidas por políticas públicas de acolhimento, as pouquíssimas mulheres transexuais e as travestis que conseguem envelhecer, estão esquecidas pelas famílias, rejeitadas pela sociedade e invisibilizadas pelo Estado que não garante a essas mulheres uma velhice com direitos, respeito e dignidade. (Antunes; Mercadante, 2011, p. 122).

A produção de sentidos sobre a imagem de si, de seu corpo e da percepção da experiência do envelhecer, objeto deste artigo, é individual e, ao mesmo tempo, coletiva, isto é, atua no social, mas não está circunscrita a ele, pois as narrativas do *self* não discorrem apenas sobre o autoconhecimento daquele que narra, mas, segundo Viviane Melo de Mendonça-Magro (2003), nelas está contida a identidade sociocultural construída pela sua comunidade de fala e de origem, no decorrer da história.

Assim, neste artigo, parte-se da premissa que os sujeitos produzem sentidos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e relações interpessoais. Em outras palavras, é na confrontação de sentidos que a subjetividade se constitui e os sujeitos expressam de modo próprio os processos da realidade concreta e vivida. É sob essa perspectiva que este trabalho busca compreender a produção dos sentidos do envelhecimento nas histórias de vida de travestis e mulheres transexuais.

O envelhecer de travestis e transexuais

As entrevistadas, ao iniciar suas narrativas, focalizaram a discussão sobre o envelhecimento a partir de suas recordações e memórias da infância. Em suas histórias de vida destacaram aspectos fundamentais para compreender o processo de envelhecimento. Nas quatro narrativas, observamos características comuns, evidenciando que, desde tenra idade, por volta dos 5 a 7 anos, já se percebiam diferentes das outras crianças. Apesar das vivências diversas, as narrativas revelam uma semelhança na percepção da identidade de gênero. Desde cedo, tanto no ambiente familiar quanto escolar, essas mulheres compartilharam experiências de enfrentamento do preconceito e da transfobia. Fernanda, mulher travesti, branca, acima de 35 anos, diz:

eu já era uma criança “viada” [...] aos quatro/cinco anos eu era uma criança muito afeminada [...] para mim, me entender como uma pessoa trans foi um pulo. Por ser uma criança afeminada [...] as outras crianças me xingavam de bicha. Tinha um coral para me xingar de “bicha” [...]. Na escola, me xingavam de “viado” e bicha. Desde muito cedo eu já sabia que não era como os outros meninos.

Já Deisy, uma mulher trans, negra, de 63 anos, que viveu a infância no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 relata que:

desde criança, devia ter cinco para seis anos, gostava de usar os sapatos da irmã e brincava com bonecas. Vinham me oferecer carrinho e eu não queria. Eu gostava muito de ver as escolas de samba na cidade em que eu morava, Bauru; então, desde pequena, eu sabia que era uma criança diferente.

Sobre sua família, Deisy diz não ter tido problemas, uma vez que sempre soube qual o seu lugar.

Eu ficava sempre na minha. Eu sabia que eu era diferente, mas não expressava meu lado feminino, só brincava, porque criança brinca. E, para mim, criança não tem essas coisas de sexo [...]. Na minha época não tinha esse problema das pessoas me verem como diferente, porque ao mesmo

tempo em que eu brincava com boneca, brincava com carrinhos e estava sempre com os meninos, mas me entendia como menina... Sempre do lado feminino... Nada no masculino. Meu pai comprava roupas para mim, eu chorava para não usar aquele tipo de roupa, mas tinha que usar para não ter briga, essas coisas.

Percebe-se, na narração de Deisy, que a ausência de conflito resulta mais de seu comportamento e sua busca por evitar constrangimentos aos demais do que, propriamente, a aceitação intrínseca por parte dos outros. Em outra passagem, diz:

Nunca prestei atenção se as pessoas estavam olhando ou não olhando. Eu vivi. Eu brincava, brincava muito! Brincava de tudo o que você imagina... Eu não me comportava de modo muito diferente das outras crianças para não agredir meu irmão, família, mãe, essas coisas. Na escola [...] eu sempre me mantive no lugar certinho, para que não chamasse atenção [...] então eu não deixava meu lado feminino vir na frente para evitar perguntinhas, evitar sarros.

Ana, mulher trans, negra, de 44 anos diz ter sido:

uma criança que sempre apanhava dos pais. Era muito arteira, acho que devido ao fato de me sentir um pouco encurralada. Desde os seis anos de idade. Nós sentimos, né?! A gente sente que é diferente... Acho que eles percebiam que eu era [trans], o que sempre fui, então, eles me reprimiam bastante [...]. Todo mundo já me reprimia, a escola, os professores, os alunos. Fui até a sexta série. Depois parei [...]. Eu sabia que eu era diferente. Eu me identificava mais com a aparência feminina, com as coisas femininas do que masculina.

Para Carla, mulher trans, negra 40+:

quando eu era criança as pessoas olhavam e falavam: essa criança vai ser, ou seja, essa criança vai ser, mas não falavam “ser o quê”? Eu não entendia o que eles queriam dizer. As minhas preferências já eram para roupas femininas, sem saber exatamente o porquê. Acho que com 10 anos, menos do que isso não saberia dizer... já conseguia entender que falavam que eu era menino e que eu não podia ficar daquele jeito, não podia entortar a mão [...] desde criança eu brincava de ser menina, mas eu era menino. A reação dela [da mãe] era a de que eu era menino. “Você nasceu menino”, dizia. “Deus não te fez menina”.

O relato de Carla, ao abordar sua infância e a “descoberta” de sua identidade como pessoa trans, revela-se esclarecedor, pois ressalta a importância da visibilidade, destacando o quanto é crucial para as pessoas LGBT+ encontrar seus pares em diversos contextos. Isso propicia a oportunidade de enxergar a própria vida como uma vida possível, realizável, viável em vez de encará-la como uma impossibilidade de existência.

Eu me descobri trans quando eu vi as revistas da Roberta Close, uma referência que eu tenho gravado até hoje, e não entendia o porquê. Quando saiu aquela revista de quando ela fez a cirurgia [...] eu achei essa revista e [...] a notícia da época era: “A mulher mais bonita do Brasil é homem”. Então eu ficava me imaginando daquele jeito também, e não sabia como seria, nem o que eu teria de fazer, mas eu queria ser também “A mulher que teria sido homem”. É isso.

As narrativas da “saída do armário”, ou da “revelação da identidade”, assim como narrativas da infância, revelam muitas semelhanças entre as quatro entrevistadas uma vez que ambas ocorrem durante a adolescência, apresentando características bastante similares. Além disso, os relatos compartilham certo grau de conflito, especialmente no âmbito familiar, resultando em repercussões no contexto escolar. Segundo Fernanda,

minha primeira fase trans foi quando deixei meu cabelo crescer. Tinha 12 anos, iniciei o período de me entender e fui incorporando aos poucos as peças femininas [...] na adolescência eu me travesti e, uma vez, sai de casa com meu cabelo um pouco grande e pela primeira vez não fui xingada.

Fernanda continua narrando o processo de constituição desse novo sujeito e sua afirmação diante dos pais e familiares.

Falei para os meus pais que iria, a partir daquele dia, andar sempre daquela forma [de menina] e decidi transformar todo meu guarda-roupa em peças femininas [...] eu costurava, minha primeira grande produção de costura foi

transformar minhas roupas masculinas em femininas. As calças e as camisetas ficaram justinhas, ou viraram tops. As blusas de moletom viraram vestidos [...] fui vestindo roupas da minha irmã como as calças de cintura baixa, além das blusinhas que eu já tinha. Tudo que eu vestia ficava bom no meu corpo. Quando você é novinha tudo fica bom, né?!

Um momento de particular relevância na história de Fernanda é a dinâmica estabelecida com a família, especialmente quando consideramos adolescentes que expressam verbalmente o início de seu processo de transição.

tive uma discussão com a minha mãe [...] ela me falou que já estava percebendo que eu vinha pintando os olhos com lápis preto [...]. Eu falei para ela que não gostava de mulher, que nunca iria gostar... Que eu me sentia mulher. E fui para o meu quarto. Aí, ela chorou um pouco na cozinha, e depois de meia hora foi no meu quarto e me abraçou, dizendo que me aceitava do jeito que eu era, e não importava o que eu fosse. Depois disso, nunca mais teve nenhum problema com minha mãe [...]. Meu pai falou que não se importava, e que eu fosse o que quisesse ser, e assim foi; não tive grandes problemas com meus pais [...]. Ela [a mãe] não queria que eu fosse travesti, preferia que eu fosse gay.

Carla apresenta uma narrativa caracterizada por idas e vindas entre a residência de seus pais e tios, bem como frequentes retornos à sua cidade natal, Sorocaba. O ponto de virada ocorreu quando iniciou seu processo de transição, adotando regularmente vestimentas femininas, o que resultou na necessidade de deixar a casa dos tios. Ao retornar à residência dos pais, deparou-se com conflitos significativos, particularmente com seu irmão mais velho, que, como filho do mesmo pai, demonstrou uma recusa intransigente em aceitá-la.

Ele falava que preferia ter um irmão bandido, preso, do que ter um irmão... Ele usava o termo “viado”. Acabei indo morar com outro amigo. Minha mãe conhecia o pessoal próximo de casa, e um primo de uma amiga dela queria dividir aluguel com alguém, e fui dividir aluguel com ele. Depois de algum tempo lá, acho que um ano, um ano e meio mais ou menos, voltei para Sorocaba, para a casa dos pais da minha tia. Eles me questionaram sobre minha identidade, eu já estava “meio transacionada”, e eles questionaram quanto tempo que eu ficaria. Eu falei para eles que eu queria ficar até conseguir um emprego. Eles falaram que não, que não teria lugar para dormir.

Para fazer as refeições, sim. Tomar café da manhã, almoçar, jantar, mas para dormir não tinha lugar. Quer dizer que, o lugar que eu morei por um bom tempo, durante anos, já não tinha mais um lugar para dormir. E aí eu tive que contar com apoio nessa minha amiga.

Diferentemente das outras entrevistadas, Deisy, nossa entrevistada mais velha, não verbalizou, nessas experiências, a violência sofrida, a violência de não poder ser quem se é, mas a viveu de outro modo, ou seja, arrogando para si a adequação aos espaços, aos ambientes. Segundo Deisy,

Nunca tive problema, nem com meu pai, nem com minha mãe, pelo contrário, minha mãe adorava meus amigos gays daqui de Sorocaba. Eu nunca sofri preconceito nenhum pelo fato de ser trans. Nunca! Eu estou com 63 anos e nunca sofri preconceito porque eu sei entrar e sei sair. Porque a sociedade não é obrigada a me aceitar, a me ver, eu sou uma pessoa diferente de todas as trans, porque eu sei me colocar no meu lugar. Eu sei entrar e sei sair, você está entendendo? Basta você entrar e não chocar a sociedade com seu jeito, trejeitos, sua maneira de se vestir. Por que isso choca! Infelizmente choca [...], tiram sarro, tem aquela risadinha estranha, aquela coisa, sabe? [...] Eu tento conquistar as pessoas, eu tento conversar com as pessoas, eu tento administrar esse lado meu. Não pode ultrapassar, tem de ser limitado na medida do possível, não deixar extravasar tudo. Procurar se comportar. Saber se comportar perante a sociedade. Entendeu? [...] O mundo gay é difícil. Até difícil da pessoa se aceitar, porque tem pessoas que nem se aceitam. Tive amigos e amiga que se mataram. Eles não queriam passar por aquilo. Não sabiam como lidar com a sociedade. A sociedade cobra demais... Então acho que você tem que saber se comportar, entendeu. Então acho que eles passam um pouco do limite em relação a isso. As pessoas não são obrigadas a ver a pessoa pelada de uma hora para outra, ou maquiada de uma hora para outra. Tem que ir aos pouquinhos.

À medida que indivíduos forjam suas identidades, os desafios inerentes aos domínios familiares, escolares e ligados ao trabalho, à dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho aliados à necessidade de estabelecer uma trajetória como pessoa trans, frequentemente encaminham as pessoas oriundas de contextos econômicos subalternos, baixa escolaridade, muitas vezes racializadas, em direção à prostituição. Esse fenômeno não apenas constitui um marco crucial na vida dessas mulheres, mas

também exerce uma influência significativa na formação de suas autoimagens como sujeitos e, portanto, impacta a própria imagem ao longo do processo de envelhecimento.

Na análise das narrativas das entrevistadas, a prostituição emerge como uma alternativa diante da inacessibilidade às oportunidades de emprego ou à disponibilidade apenas de ocupações com remunerações excessivamente reduzidas, especialmente para aquelas em processo de transição. Todas as entrevistadas adotaram uma postura crítica em relação a esse processo, mas o perceberam como uma saída em um determinado momento muito difícil de suas vidas. No entanto, depararam-se imediatamente com desafios relacionados ao espaço/território, à exploração por cafetinagem, à gestão do tempo e às questões ligadas ao corpo. Fernanda disse:

acho que poderia ter esperado mais um pouco e não ter me prostituído, mas na época [...] a vida foi me levando a isso, eu queria coisas [...]. Assim que acabei o colegial comecei a fazer ponto porque não conseguia trabalho [...] era impossível, naquela época, conseguir um emprego [...]. Você ser trans custa dinheiro, e você quer coisas que uma vida de trabalhar na roça, ou que seus pais não podem te dar; e que você não vai pedir para sua mãe te comprar um sutiã, uma calcinha, te comprar produtos para usar no cabelo, coisas assim, se eles são pessoas humildes. Ser mulher é um gasto que você tem de bancar.

Carla, ao falar da prostituição, menciona sua vida na Bahia e, mesmo em meio às dificuldades, declara nunca ter imaginado a prostituição como possibilidade.

Tínhamos dificuldades na Bahia, família muito pobre, então na minha cabeça eu iria trabalhar, iria ganhar dinheiro. Até 14/15 anos, eu nem imaginava que iria parar na prostituição. A falta de oportunidade, e por eu já estar em transição, as empresas não aceitavam, me levou a isso. Na prostituição eu nunca cheguei a falar com a minha família [...] por medo da reprovação deles, e medo porque... A gente fala: Ah, mas é uma profissão... Nós entendemos que é, mas para a cabeça deles não seria. Como que eu vou falar para minha mãe que eu me prostituo? [...] com o tempo você começa a ver as partes ruins, o sofrimento que é estar na noite, no submundo que você está vivendo, aí você começa a se entristecer e que, de alguma forma, você já quer sair daquele lugar sem conseguir achar saída. Na rua, nos defendíamos muito uma à outra [...]. Tive bastante contato com a violência [...]. Me sentia

indefesa. Por mais que você buscasse forças para poder enfrentar, muitas vezes você estava sozinha. Muitas vezes acontecia isso, você estava na esquina sozinha e não tinha ninguém para te ajudar. E mesmo que estivesse, quando você não teve essa criação de violência, de presenciar essas coisas, isso reflete: Pronto, vou morrer aqui.

Em sua narrativa, Carla relaciona a questão da prostituição, do corpo, da transição. Fernanda ressalta que

quando começou a transição, as amigas começaram a viajar para se prostituir em cidades maiores e começaram a fazer transição com silicone industrial. Já se falava em cirurgia plástica (que estava começando a entrar em alta nesta época). Sempre quis ter seios, sempre quis ter seios. Foi à única coisa que eu sempre quis ter. Nunca almejei outras coisas que não fosse ter seios [...]. Eu queria, e vim para Sorocaba [...] na intenção de me prostituir, já sabendo o que seria, o que eu iria encontrar. Eu esperei dar meu tempo na prefeitura [trabalho na cidade natal], que eu poderia me afastar por dois anos, após quatro anos e meio de trabalho, sem dar uma justificativa, podendo dizer que era um afastamento de motivo pessoal, sem perder o cargo. Eu já tinha vindo nas minhas férias, tinha ganhado bastante dinheiro em duas vezes que vim pra Sorocaba, minhas amigas já estavam por aqui. Eu gostei do dinheiro que eu ganhei, o que foi muito dinheiro se comparando com meu salário.

Ainda que, naquele momento, Fernanda tivesse um emprego, esse não era suficiente para suas necessidades enquanto travesti, e não apenas isso; naquele momento, a rua também trazia outros significados para a constituição desses sujeitos:

gostei de estar no meio das outras trans; eu gostei de entrar nos carros, gostei das luzes, gostei do movimento, gostei de poder vestir uma roupa sexy, de puta, e me maquiar de forma carregada, de colocar adereços, eu sempre gostei de adereços. A rua para mim tinha tudo isso. Gostei de fazer uma produção que só comportava naquele espaço, tipo uma libertação total. Você ser livre de uma forma total. No início é uma liberdade que em nenhum lugar você vai ter.

Ana também mencionou o que gostava na prostituição:

Vivi na prostituição por muito tempo, e fui procurando todos os meios para sair [...] eu até gostava... Não vou falar para você que não gostava... acho que a noite me fascinava, e bebia ainda... Eu via que não iria ser para sempre, e que iria precisar procurar algum rumo na minha vida. Então, para mim era tudo fascinante. Eu vivi intensamente aquilo.

A rua e a prática da prostituição, para além de garantir as condições materiais de existência, emergem como *locus* significativos de sociabilidade para essas pessoas. Tornam-se espaços propícios para a partilha de experiências, vivências e para a construção ativa de identidades e subjetividades. Com o tempo, porém, outras questões relacionadas à prostituição vão surgindo e a ideia ou a sensação da liberdade vai se transformando, como narrou Fernanda:

essa sensação de liberdade vai até quando você percebe que ali tem regras, as coisas que você pode e que não pode fazer. Que tem um x valor que você tem que ganhar todo dia; que precisa fazer x quantidade de programa e que com isso vai apreendendo os perigos que estão ali, como os vários tipos de violência, as cobranças. Eu acho que até um certo tempo, uns anos antes da época dos anúncios dos sites na internet, a cafetinagem era válida porque era uma fase de transição para você ter certeza. No entanto, vi muitas pessoas que pareciam ser trans, e foram ali um tempo, se montavam, faziam avenida, se prostituíam, mas depois não eram realmente trans, não completavam a transição, não faziam cirurgia, não tomavam hormônios, simplesmente se desmontaram e continuaram sendo gays. Ali realmente é um teste. Se você é realmente trans, passa por tudo, e vai continuar sendo trans. Isso não vai mudar sua essência, você só vai ficar mais esperta para sobreviver na vida.

Momento chave na vida dessas mulheres é a saída da prostituição, pois não é algo simples, porém, com o passar do tempo, essa saída vai se impondo por uma série de razões, dentre elas, o próprio processo de envelhecimento. Ana se recorda:

Quando comecei a ir para a rua e perceber que já estava ficando escasso para mim, que não ganhava mais dinheiro, foi ficando cada dia pior, e vi que tinha chegado a hora de procurar novos rumos [...]. Para sair da prostituição, é aquela coisa, estudo é a base de tudo. Tem de estudar e ir atrás dos seus

objetivos. Porque atualmente as coisas estão bem mais fáceis. Não está mais fácil, está mais acessível para as pessoas trans do que na minha época.

Carla, que como todas as outras foi para a prostituição por sobrevivência, diz que:

claro que no começo você fica empolgada, porque são várias descobertas ali. Mas quando você começa a ver as partes ruins, o sofrimento que é estar na noite, no submundo que você está vivendo, aí você começa a se entristecer e que de alguma forma você já quer sair daquele lugar. E vai ficando... você não consegue achar saída.

Ana narra ainda esse momento de constatar que é chegada a hora de sair da prostituição associando-o ao passar do tempo.

Depois vi que não tinha mais graça. O negócio já era sério, mas eu estava tendo a (des)ilusão de tudo, sabe, aquele mundo mágico que não era; aquela vida toda, e a idade vem chegando, a gente vai se cansando, chegam as pessoas mais jovens, e a gente vai ficando para trás.

Percepção semelhante sobre esse processo é revelado por Fernanda, para quem, há um dado momento em que a pessoa precisa se dar

conta da hora que vai ter que puxar seu carro; a hora que você na vai ter tanto brilho mais; que você não vai ganhar como você ganhava; que vai chegando uma nova geração, que você está ficando cansada de ficar em pé; que os clientes vão diminuindo, e que aquilo vai te dando um cansaço ainda maior, porque o que era divertido passa a ser uma tortura psicológica [...]. Então, a partir disso, você começa a perceber que tem de recomeçar, se dar conta de que você está envelhecendo e que você precisa se reinventar de novo.

Com relação à cafetinagem, realidade enfrentada por muitas profissionais do sexo, essa é vista quase como uma necessidade, sobretudo para aquelas que ainda não passaram pelo processo de transição e mais difícil para aquelas que já transicionaram.

No entanto, é crucial destacar que, ao abordar essa temática, são evidenciados não apenas os desafios inerentes à exploração, mas também as problemáticas associadas à violência que se manifesta em muitos casos. Ana contou:

Sobre a cafetinagem [...] tenho meus pensamentos, não concordo com isso. É ganhar dinheiro nas costas dos outros, querendo ou não, é uma escravidão, só mudou o nome. É triste [...]. Nada é o que representa ser. Nada daquilo! É um mundo totalmente diferente. É cafetinagem mesmo, exploração. Teve uma situação em que fui queimada com cigarro por atrasar um dinheiro que a gente tinha comprado umas coisas da cafetina (e era obrigada a comprar), e tinha atrasado (o pagamento), aí ela passou a receber o dinheiro da semana, eu não tinha, e ela começou queimar meu braço com cigarro, e ainda me multou pelo dobro. E se não pagasse, apanhava, queimava de novo e ia multando.

Fernanda faz uma ressalva e relaciona a cafetinagem, a idade e o corpo que não mais performa como quando se é mais nova:

tem um lado ruim da cafetinagem para quem é trans com mais idade. Porque quando você é novinha [...] ganha-se muito fácil. Para você pagar um valor para a cafetina para ter uma casa, uma cama para dormir, uma comida para comer [...]. Agora quando você é mais velha, mora na sua casa, e que você já está estabilizada naquela cidade, não é uma coisa legal. Para uma trans que está transicionada, você ser cafetinada já passa a ser uma tortura psicológica. Não é legal quando você se torna uma trans independente, e aí você não precisa mais de cafetina, ela se torna uma pedra no seu caminho [...]. Nem tudo é mais tão bonito quanto era no começo. Realmente você só pensa no dinheiro depois de um certo tempo. Não importa mais se o cliente é bonito ou feio, cheiroso ou não, se está fedido [...] e depois de um tempo você quer um respeito [...] não é mais o dinheiro que importa nesta questão, é questão de que você não tem mais volta quando transiciona completamente. Quando colocamos um silicone no corpo e fazemos uma cirurgia plástica, nunca mais você volta a ter um corpo masculino normal, então, você não tem mais volta. Então você sente que não tem de pagar mais um pedágio para você existir ali naquele ponto, contribuindo para manutenção e a existência daquele espaço, e defendendo aquele espaço por um tempo já. Você já faz parte dali, e não vai sair por um bom tempo.

Ao mencionar a prostituição e a cafetinagem, Fernanda introduz vários elementos que se relacionam. Em um primeiro momento, a cafetinagem é quase uma necessidade, pois normalmente são muito jovens, recém-saídas ou expulsas de casa, ainda não transicionadas ou com qualquer modificação corporal. Com o passar do tempo, com as mudanças corporais já realizadas, a disputa por espaço e o cansaço das ruas, o que se busca, além do dinheiro, é também respeito e, para Fernanda, respeito não é compatível com estar submetida à cafetinagem. Menciona, ainda, a impossibilidade de voltar a ter um corpo masculino “normal”, ainda que muitas mulheres travestis e transexuais, durante o processo de envelhecimento passem por essa experiência.

Ao adentrar na questão do tempo, Fernanda ressalta o cuidado com o corpo no processo de envelhecimento e cita a questão do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas e pensa que isso também interfere no processo de envelhecimento, bem como a constante pressão psicológica pela qual passam as pessoas trans. Diz Fernanda:

Acho que você tem meio que uma consciência da vida que você leva, das dificuldades do que é ser trans, a pressão psicológica. Queira ou não, sofremos uma pressão psicológica. Não sei se dá para comparar com uma pessoa cis, porque a pessoa cis também tem pressão psicológica, mas a gente tem o tempo todo: pressão psicológica estética (no próprio meio trans), dos homens, dos clientes; pressão psicológica de você com você mesma, uma pressão psicológica do medo de que pode sofrer uma violência a qualquer momento [...]. No mais acho que assim, você tem que se alimentar e dormir bem, não ter vícios que te afundem demais. Você pode curtir a vida porque quando você é jovem, sendo cis ou trans, vai curtir a vida, mas vai chegar em algum momento que você vai ter de saber que aquilo não é mais legal se você quiser prolongar sua vida por mais tempo. [...] se alimentar bem, dormir bem, ajuda a aumentar sua expectativa de vida.

O processo do envelhecimento, ainda que delicado para todas as pessoas, especialmente para mulheres, é ainda mais delicado para as mulheres trans, pois implica várias especificidades, mas, segundo Fernanda:

É saber aceitar que você está envelhecendo, que é muito difícil para uma pessoa trans, porque aos 30 anos você é considerada velha. Aos 40 anos, você já está muito velha. Aos 50 você já é uma velha. E se você chegar aos 60, é uma glória!!!! Porque são raríssimas as que chegam.

Essa particularidade do envelhecimento trans foi tratado por Siqueira (2004) ao entrevistar mulheres travestis do Rio de Janeiro-RJ que narravam a dificuldade em chegar na velhice que, como nos disse Fernanda, “é uma glória”. A dificuldade em se chegar à velhice relaciona-se ao histórico de suas vidas: a expulsão de casa, as dificuldades socioeconômicas, a saúde, a prostituição e a violência transfóbica. Portanto, há uma necessidade urgente de políticas públicas voltadas especificamente a essa população no que tange à garantia de direitos. Esse momento do envelhecimento é tão delicado para muitas travestis e transexuais que, como conta Fernanda,

algumas pessoas destransicionam nesse momento porque não sabem o que fazer da vida, é preciso trabalhar seu psicológico, a pessoa se dá conta de que não fez alguma coisa que possa te dar alguma renda. Quando você chega aos 30/40, você tem que começar a se preparar, se possível até antes, claro, mas os 30 é a idade x que você precisa fazer um curso de alguma coisa; pensar numa, ou outra profissão, que mesmo que você não ganhe tanto, mas que vai ter de dar uma renda mínima de sobrevivência. O momento é esse. Agora se você esperar ficar muito tarde demais, vai ficar mais difícil.

A esse respeito, Antunes (2010) ressalta a importância de se criar políticas públicas para mulheres travestis e transexuais para que possam viver sua travestilidade sem a necessidade de destransicionar em algum momento de suas vidas. É necessário haver acompanhamento adequado, não apenas de suas necessidades materiais, mas de suas necessidades de saúde.

Com o passar do tempo e, portanto, com o envelhecimento, outra preocupação com o corpo apontada pelas entrevistadas é o uso do silicone, sobretudo em se tratando de silicone industrial, pois, como apontam Lovison, Santos e Klein (2019), a exclusão socioeconômica limita o acesso a quase tudo, levando muitas mulheres travestis a se

utilizarem de formas perigosas de tratamento ou intervenção na busca da feminilidade física. Novamente é Fernanda quem diz:

O silicone é uma outra questão, não sei se todo mundo passa por isso, né?! Mas eu passo. Te limita, você fica com medo disso te dar algum problema. Vai dar problemas uma hora. Isso pode dar uma infecção do nada (de uma batida), enfim... pode ter um problema de circulação (que é natural da idade), vai fazer com que esse problema se antecipe e acelere. Então acho que é isso que eu tenho mais medo. Acho que aos 30 e aos 40 são partes mais difíceis do espelho. Porque você começa a aceitar que não tem mais volta. Dos 30 aos 40 você começa a mentir para você mesmo. Mente sua idade para menos. Começa a usar artifícios que pareça mais jovem. Você vai relutando mais do que pode. Mas quando chega aos 40 não tem mais volta. Você percebe que está na meia-idade e que você já envelheceu, e que vai ter que lidar com isso. Que você vai ter de ser uma trans envelhecida. [...] Bonita, será que você foi bonita? [...] para quem foi muito bela na juventude, chegar aos quarenta com a aparência envelhecida, é muito sofrido. Um pesadelo! Para mim não [...] acho que basta você manter uma aparência boa. Eu falo que eu quero ser uma senhora elegante, me manter elegante, bem vestida, cuidada (no jeito que dá). Acho que o que você pode fazer, dentro da sua idade, é não se sentir envergonhada da idade que você tem. Acho que é isso. O segredo de você envelhecer bem.

Para Ana, assim como com para as outras entrevistas, as mudanças no corpo foram feitas com silicone industrial. Ana lembra:

Quando “eu caí” na rua a gente tinha que ter silicone industrial. Tinha de ter silicone industrial no corpo. A gente não era considerada travesti se não tivesse o silicone, era para você fazer parte daquele núcleo. Um ritual de passagem. Éramos obrigadas a fazer e arrumar dinheiro. Se não fizesse, não podia trabalhar na rua. Apanhava, era multada, e não era respeitada. Não que eu precisasse, porque eu já fazia parte desse núcleo, então coloquei só por opção própria mesmo, para fazer o que tinha que fazer no corpo.

Em relação às mudanças no corpo, Deisy relata que:

antigamente tomava muito hormônio. Eu tomei quatro tipos de hormônio, me automedicando. No meu tempo era tudo assim, na marginalidade [...]. Uma amiga minha me colocou silicone industrial. Não me arrependo. Foi minha

única intervenção cirúrgica. Eu não gostava do meu reflexo no espelho. Hoje eu me amo. Achava que estava faltando alguma coisa no meu corpo, então quis dar uma mudadinha para ficar do jeitinho que eu queria, nem mais nem menos, no ponto. Hoje me adoro, eu me amo, eu gosto de mim assim.

Corpo e envelhecimento, para essas mulheres, aparecem sempre associados e para Ana:

o envelhecimento é uma passagem. Um ciclo que você está cumprindo. Aquela coisa, tem de envelhecer com sabedoria, né? Não só envelhecer. Já tive muito medo, atualmente não. Tinha medo de ficar só, essas coisas... tenho medo de ter que ficar acamada, disso eu tenho medo. A gente que é trans vive sempre... Ao mesmo tempo que a gente está acompanhada, nós sempre somos só.

Afeto, relacionamentos, corpo e processo de envelhecimento são questões que muitas vezes se relacionam e Carla nos diz que teve alguns relacionamentos frustrantes até que encontrou o amor:

o amor é calmo, ele não tem aquelas turbulências... Ele te dá um aconchego, ele te dá o que você precisa, sem aquelas loucuras de paixões. É isso [...] acho que não teria de ter diferenças de amor trans ou amor cis. Amor é Amor! Você ama, ama o que a pessoa é; a essência daquela pessoa. Então, independente de ser mulher trans, eu encontrei o amor num homem cis. Mas eu poderia ter encontrado o amor diferente, mas estava na minha vida de encontrar um amor num homem cis. Acredito em destino [...] vamos comemorar bodas de pratas do dia que nos olhamos pela primeira vez, 11/01/1999, são 24 anos. Nós temos a união civil, somos casados civilmente.

O processo de transição e a mudança ocorrida no corpo são recordados por Carla com emoção, seus olhos ficam marejados quando nos conta quando começou o processo:

Quando eu passei pelo início da transição, tinha que ter o silicone (industrial), e você via as meninas femininas com quadril, com bumbum e dizia: quero

também. E como que é isso? É na hora? Cresce na hora? Naquela época, não sei por ser jovens demais, mais por querer tanto a feminilidade que você aceita o silicone industrial. [...] e acabei indo à “bombadeira” [...] Fiz quadril, fiz bumbum, e um pouco nos seios. Hoje eu sei do risco que corri, não faria de novo, mas fiz [...]. Tem algumas coisinhas que eu faria, que penso em fazer, lógico. As mamas. Tenho vontade de fazer correção das mamas [...]. Eu tenho uma lembrança [pausa – os olhos marejaram]. Eu era bem magrinha, então assim, tinha aquele corpo bem definido e quando eu coloquei um “copinho americano de silicone” nos seios e me olhei no espelho, eu chorava, porque eu vi uma mulher ali, de seios.

Carla fez, durante muitos anos, a chamada auto-hormonização e apenas em 2016 começou a transição dentro do protocolo estabelecido pelos órgãos de saúde:

comecei a transição dentro do protocolo [em 2016], com endocrinologista, tomando hormônio transexualizador [...] e são todos dosados [...] não existe essas loucuras que nós fazíamos antigamente, colocar uma cartela de anticoncepcionais dentro do suco, com um copo de leite, bater no liquidificador e tomar. Porque você ia ter os melhores seios, mais lindos do mundo, e que era mito, na verdade.

O processo de envelhecimento, para Carla, é marcado depois dos 35 anos. Diz ela:

eu percebi o envelhecimento, eu acho que foi depois dos trinta, trinta e cinco anos, porque eu tenho “quarenta mais”. Na verdade, eu sempre tive muito medo [de envelhecer]. Eu achava que envelhecer iria tirar toda a minha feminização; que eu ia perder cabelo, que eu ia ficar com aparência de menino... masculina. Então, assim, eu temia muito... E aí, quando eu fiz 40, eu vi que ainda está longe disso, ou seja, isso não vai acontecer, porque nós tomamos os devidos cuidados. Saúde é regrada numa alimentação, não abusar de bebida alcoólica, noitadas... Acho que tudo isso é qualidade de vida, então hoje eu já me sinto preparada, porque depois dos 40+, vem os 50+. Então acho que hoje já estou preparada para os 50+. Hoje eu sei, sinto, que vou ser uma senhora bonita, uma senhora... [risos]. Não sei se bonita, mas uma senhora bem cuidada, bonita a gente já está, né?! [risos]. Como se fala, é muita alta estima [sic]. Mas, acho que é isso, que eu vou ficar uma senhora bem cuidada.

Carla nos recorda a pesquisa de Nogueira (2013) com travestis em Fortaleza e Lisboa sobre o significado e os sentidos que travestis dão aos seus corpos concluindo que esses corpos, no processo de envelhecer, permanecem como contestação das normas de gênero e sexualidade. Para Carla, se o processo de envelhecimento pesa para as pessoas cis, mais ainda para as pessoas trans.

Envelhecer já pesa para as pessoas cis, aí você imagina para as pessoas trans? Por mais que a família te aceite, por mais que você tenha um apoio, por mais que você tenha um afeto, quem vai ficar com você? Quem vai cuidar de você na velhice, caso o meu esposo venha partir antes que eu? Talvez eu esteja egoísta, porque ele também precisa de alguém; então assim, é isso, né?! Às vezes você acha que você vai envelhecer e não vai ter ninguém ali, para estar do seu lado, para cuidar de você... É mais isso que pesa, né?!

No momento da entrevista, Deisy era manicure, mas já havia sido cabeleireira, maquiadora e tantas outras atividades e dizia que: “até estava pensando em arrumar outro trabalho, sabe? Mas eu acho gozado o envelhecimento, porque você perde o equilíbrio de tudo, né?!”. E a partir do trabalho e das dificuldades no e com o trabalho abriu-se o espaço para que Deisy discorresse sobre o processo do envelhecimento.

Não que eu sinta preconceito pelo fato de ser já idosa. Mas você não tem mais aquele pique de pegar um trabalho, é estranho, a gente vai envelhecendo, vai aparecendo problemas com diabetes, problemas no coração, problemas, problemas... A pressão arterial já muda bastante, você fica sem saber seu futuro como seria. Tenho dores na perna, fica sempre uma coisa estranha. Quando a idade vem chegando, as coisas vão mudando... eu estou aceitando isso com naturalidade. Mas as pessoas falam que envelhecer é maravilhoso, mas eu não vejo isso. Você perde totalmente o equilíbrio. O que antes você fazia com mais tranquilidade, hoje faz com mais dificuldade. Não é fácil, e não é difícil, é só saber administrar bem isso aí na sua cabeça. Acho que tudo isso é o lado psicológico que bate na gente. Olha, eu vou dizer uma coisa para você, eu não gosto de envelhecer, não, mas, não diria que é uma dádiva. Mas tem de ser bem aceito, porque mexe com seu lado psicológico. O que eu mais penso é me aposentar, porque pelo fato de ganhar uma aposentadoria e sendo uma pessoa sozinha me basta. Não estou aqui em busca de nada faraônico, não quero nada faraônico, não que eu não tenha perspectiva de vida, e de ser uma pessoa ambiciosa, hoje não, eu prefiro ter

um ganho para mim só, e pronto. Não preciso de muita coisa para ser feliz, não. E as minhas amigas, minhas amizades, que eu amo demais, bastam.

A entrevista com Deisy foi realizada em janeiro de 2023. Em março ela completou 64 anos. Poucos meses depois de assim discorrer sobre o envelhecimento e expressar seu desejo por uma aposentadoria para que pudesse ter dias mais tranquilos em sua velhice, em julho, Deisy nos deixou. Trazer suas memórias, neste artigo, é também render-lhe homenagem, é reconhecer que a luta pela visibilidade, pela existência, pela sobrevivência de mulheres travestis e transexuais se faz também graças ao existir e re(existir) dessas mulheres que vieram antes de nós.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar o sentido do envelhecimento nas narrativas de histórias de vida de mulheres transexuais e travestis na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, buscando apreender como essas mulheres constituem uma imagem de si na sociedade diante do processo de envelhecer, identificando e compreendendo, em suas narrativas, as sistemáticas estratégias de superação das condições de violência e de exclusão social e institucional a que são submetidas.

Necessário ressaltar, mais uma vez, que o sentido do envelhecimento para essas mulheres surge por volta dos 40 anos, muitas delas destacam a baixa expectativa de vida de pessoas trans e travestis. Faz-se, portanto absolutamente necessário que tenhamos dados censitários acerca da população trans para que políticas públicas mais assertivas possam ser propostas para essa população.

Verificou-se, mais uma vez, uma trajetória de vida que guarda muitas relações entre si, ou seja, são pessoas que desde muito cedo, por volta de 5 ou 7 anos de idade já se percebem meninas em um mundo que as definem de outro modo. As histórias de

preconceitos e homofobia se repetem com maior ou menor intensidade nas famílias e nos ambientes escolares.

A transição mostra-se um momento marcante subjetivamente, mas também materialmente. É o momento em que muitas deixam suas casas de origem e vão construindo seus nomadismos por meio de processos migratórios e encontram na prostituição a maneira de manterem suas condições materiais de existência e a maneira de fazerem a transição uma vez que, como nos lembra Fernanda em sua narrativa, “ser travesti custa dinheiro”.

Para nossas entrevistadas, a prostituição apresenta-se como uma necessidade e a vivem intensamente seja como um mundo “mágico” no início, ao lhes permitir liberdade de ser quem se é, mas que cobra seu preço e logo se revela em sua realidade de cafetinagem, disputa territorial, violência ao mesmo tempo em que é, também, um locus de sociabilidade e constituição da subjetividade desses sujeitos.

Percebemos também uma mudança significativa, embora ainda incompleta, nas possibilidades e perspectivas abertas às mulheres trans e travestis e no processo de saída da prostituição. Nossas entrevistadas tiveram que encontrar novos meios e modos, não apenas de sustento, mas de se imporem na vida pública em uma cidade do interior de São Paulo e, duas delas, o fizeram por meio de curso superior de licenciatura em artes visuais e pedagogia. Outra, com curso técnico e exercendo a profissão de doméstica. Já nossa Deisy, que almejava a aposentadoria para uma velhice mais estável depois de uma vida em tantas atividades distintas, partiu aos 64 anos, logo depois da entrevista.

Sua história e seu falecimento, sem conseguir se aposentar, destacam a urgência de promover mudanças estruturais para garantir um envelhecimento digno e respeitoso para todas as mulheres trans e travestis. Assim, este estudo não apenas lança luz sobre as adversidades enfrentadas por essas mulheres, mas também ressalta a importância de políticas públicas e medidas que assegurem o pleno exercício de seus direitos ao longo de suas vidas.

Referências

AMARAL, Maria dos Santos. *et al.* “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dMZrH9BgyrHNGg8HFbrrdvp/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2023.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** Dissertação (Mestrado em gerontologia), 2010. Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12364>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ANTUNES, Pedro Paula Sammarco.; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Travestis, envelhecimento e velhice. **Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 10 especial, p. 109-132, 2011. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14iEspecial10p109-132>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/view/9902>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BARROS, Myriam Maraes Lins. de. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil.** **Sociologia** (Lisboa), v. 52, p. 109-132, 2006.

BENEVIDES, Bruna. G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (orgs.). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021.** Brasília: Distrito Drag, Antra, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador, EdUFBA, 2017. Disponível em: <https://repositoriodev.ufba.br/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DEBERT, Guita. Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, Guita. Grin. O significado da velhice na sociedade brasileira. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 13, n. spe, p. 147-158, 2000. Disponível em: https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373/1982-0194-ape-S0103-2100200000013000373.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.

LOVISON, Robson.; SANTOS, Vera Márcia Marques.; KLEIN, Marson Luiz. Travestis: corpos banhados pelo envelhecimento sob análises bibliográficas. **Uningá Review**, v. 34, n. 3, p. 49-69, 2019.

MENDONÇA-MAGRO, Viviane Melo. Espelho em negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: GUSMÃO, Neusa. (org.). **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. Campinas: Átomo-Alínea, 2003. p. 33-46.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L Salgado. **Guia prático de História Oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOTTA, Alda Britto. da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>. Acesso em: 7 dez. 2023.

MOUNTIAN, Ilana. Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração. **Quadernos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 31-44, 2015. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-mountian>. Acesso em: 7 dez. 2023.

NOGUEIRA, Francisco Jander de Souza. **“Mariconas”: itinerários da velhice travesti, (des)montagens e (in)visibilidade**, 2013. Tese (doutorado em sociologia). Programa de Pós-graduação em sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7314/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

ROVAI, Marta Gouveia Oliveira. **Escutas sensíveis, vozes potentes**: diálogos com mulheres que nos transformam. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SANDER, Vanessa.; OLIVEIRA, Lorena Hellen. de. “Tias” e “novinhas”: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras

sexuais em Belo Horizonte. **Sociedade e Cultura**, v. 19, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v19i2.48671>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48671>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SIQUEIRA, Mônica Soares. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87032>. Acesso em: 7 dez. 2023.

YORK, Sara. Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes.; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n75614>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614>. Acesso em: 7 dez. 2023.

The meanings of aging in the life trajectories of transsexual and transvestite women in a city in the interior of São Paulo

Abstract: The objective of this article is to analyze the meaning of aging in the life story narratives of transsexual and transvestite women in the city of Sorocaba, in the interior of São Paulo. Specifically, we sought to understand how these women constitute an image of themselves in society in the face of the aging process, identifying and understanding, in their narratives, the systematic strategies for overcoming the conditions of violence and social and institutional exclusion to which they are subjected. The research used oral history as a theoretical-methodological perspective to enable it to focus on the memories and experiences of transsexual and transvestite women. Four transsexual and transvestite women over 35 years of age, who live in the city of Sorocaba-SP, were interviewed. It is concluded that the adversities faced by these women, but also highlights the importance of public policies and measures that ensure the full exercise of their rights throughout their lives.

Keywords: aging; transvestites; transsexual women; life trajectories.

Los significados del envejecimiento en las trayectorias de vida de mujeres transexuales y travestis en una ciudad del interior de São Paulo

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar el significado del envejecimiento en las narrativas de vida de mujeres transexuales y ‘travestis’ de la ciudad de Sorocaba, en el interior de São Paulo. Específicamente, buscamos comprender cómo estas mujeres constituyen una imagen de sí mismas en la sociedad frente al proceso de envejecimiento, identificando y comprendiendo, en sus narrativas, las estrategias sistemáticas para superar las condiciones de violencia y exclusión social e institucional a las que se encuentran sometido. La investigación utilizó la Historia Oral como perspectiva teórico-metodológica ya que permitió centrarse en memorias y vivencias de mujeres transexuales y travestis. Fueron entrevistadas cuatro mujeres transexuales y travestis mayores de 35 años, residentes en la ciudad de Sorocaba-SP. Se concluye que son muchas las adversidades que enfrentan estas mujeres, pero también se destaca la importancia de políticas y medidas públicas que aseguren el pleno ejercicio de sus derechos a lo largo de su vida.

Palabras clave: envejecimiento; ‘travestis’; mujeres transgénero; trayectorias de vida.

Recibido: 11/12/2023

Aceito: 20/06/2024